



Comunicado

Para: Redacção
Data: 20 de Junho de 2018
Assunto: Jornada de sensibilização sobre o albinismo

Mia Couto fala sobre como se superar face ao preconceito

Maputo, 20 de Junho de 2018 – O escritor Mia Couto interveio, há dias, no Auditório do BCI, em Maputo, na jornada de sensibilização sobre o albinismo. Membro da Associação Kanimambo, uma das organizadoras do evento, Mia Couto contou uma história. “Para mim pode ser uma espécie de uma lição, de uma metáfora, daquilo que se passa na sociedade inteira de Moçambique” – disse, situando o enredo na Cidade das Acácias.

“Houve um pedreiro que veio trabalhar na rua onde eu moro e ficou lá um tempo, porque era a construção de uma casa e ao fim do dia, para mim, para ele não era porque continuava o trabalho mais tempo do que eu.

Trocávamos ali uma pequena conversa junto ao muro da minha casa. E numa das vezes essa conversa foi interrompida porque chegou uma pessoa, um homem albino que vinha pedir água. E, assim que este visitante anónimo se afastou, o pedreiro disse-me assim: desculpe-me, o senhor fez uma coisa errada. Agora esse copo não pode mais ser usado. E explicou-me o risco de partilhar um objecto que tinha sido manuseado por um *xidjana*.

Esse pedreiro falava comigo e percebia como eu estava distante, como eu de facto não o escutava, não o queria escutar. E passado um minuto desisti de tentar convencer-me das suas razões. Por que é que aquela outra pessoa era especial, e por que é que eu me devia proteger contra essa contaminação? E comecei a falar com ele sobre aquilo que para mim eram as razões que deviam fazer com que nós atendêssemos estas pessoas como seres humanos como nós. Percebi que ele não me queria escutar. Então havia esta coisa que nos unia, que era a incapacidade de ouvir o outro. Nós não queríamos ouvir argumentos diferentes daquilo que eram as nossas próprias certezas.



Passados alguns anos, esse pedreiro voltou a visitar-me e trazia pela mão duas crianças. As duas meninas eram albinas. E ele apresentou: são minhas filhas. E contou-me o próprio processo interior que ele tinha tido de se vencer a si próprio naquilo que eram os preconceitos, os medos, as suspeitas. Confessou que no princípio havia suspeições, ele tinha a certeza: para ele aquilo era uma punição, um motivo de vergonha, uma razão de culpa contra a sua esposa. Aliás, ouvimos aqui a história de Aly Faque. Verificámos como é que este peso dos preconceitos não começa longe. Começa dentro de casa, na família, junto dos amigos”.

E indagou o escritor: “O que é que levou este homem a vencer-se a si próprio? O que é que ele teve de combater dentro de si próprio? Uma espécie de um pedreiro que tem de desmanchar muros que vedam a sua própria alma – a resposta veio do próprio pedreiro: “Fui vencido pelo amor, pelo amor destas crianças. São minhas filhas. Hoje tenho o orgulho em que elas andam na escola. São protegidas por mim, porque o mundo não mudou tanto assim.”

Para Mia Couto, a história deve ser contada pelas próprias pessoas envolvidas. Aquilo que começa por ser desconhecimento, ignorância, pode transformar-se num motivo de perceber o outro como o próximo, como parente nosso. E como é que essa escuridão, esse escuro, onde vencem esses preconceitos, que se transformam depois em violência, podem ser vencidos? Contando histórias.